

# BALADA DE BERLIM

de ROBERT ADOLF STEMMLE

Comentário do PROF.-DR. DELFIM SANTOS

**FICHA TÉCNICA:** «BERLINER BALLADE» (1948) • *Realização:* R.-A. Stemmler • *Argumento:* Günther Neumann • *Fotografia:* Georg Krause • *Som:* Hans Löhmer • *Música:* W. Eisbrenner e G. Neumann • *Intérpretes:* Gert Froebe, Aribert Wascher, Tatjana Saïs, Ule Sielisch • *Produção:* Comedia Film (Alemanha Ocidental).

Com algumas excepções (...) há presentemente uma produção-Este e uma produção-Oeste caracterizadas. De um fundo comum, de uma identidade de problemas à partida, saíram duas expressões opostas. A linha que nasce em 1946, com «Die Mörder Sind unter uns» (de Wolfgang Staudte), filme concebido a Oeste e rodado a Este, chega, em 1931, a Este, à sátira feroz do burguês alemão com «Der Untertan» (de W. Staudte) e a Oeste, à sua autojustificação, com «Herrlichen Zeiten» (de Günther Neumann). Marcadas igualmente pela guerra, pela derrota, pela angústia do futuro, a produção-Este esforça-se por denunciar (por vezes sumariamente) as suas causas políticas e as suas responsabilidades exatas, enquanto a produção-Oeste acusa a Fatalidade, o Kaiser, Wotan, Mefistófeles, Adão e Deus Nosso Senhor.

CHRIS MARKER  
(in «Les Cahiers du Cinéma»)

## A OBRA E O AUTOR

Falar em Chaplin e em René Clair a propósito da «Balada de Berlim» (...) parece-nos um pouco ousado. Mais do que à humanidade de um e à ternura de outro, o estilo deste filme aparenta-se, pela sua facilidade e pelas suas insuficiências, ao chamado espírito «de Montmartre». Concebido um pouco à feição das revistas dos «chansonniers», o filme pretende contar-nos, de modo irónico, as graças e as desgraças dum pobre diabo de Berlim (...) Cobarde e mandrião, indiferente a tudo que não seja o seu conforto imediato e pessoal — tal é o herói da história. Exercendo-se sobre pormenores fáceis (mercado negro, burocracia, desigualdade numérica dos dois sexos, falência das conferências internacionais...) a sua amarga ironia ignora a responsabilidade do Nazismo no sofrimento da Alemanha de hoje.

EDOUARD BERNE (in «L'Écran Français»)

Que grosseira e estranha esperteza, ou que confissão de inconsciência na transparente mascarada de «Balada de Berlim»: para se desculpar, o país culpado encontra, invoca e nos delega o último dos inocentes de aldeia! (...) pobre diabo que aplaude, à vez, os Americanos e os Russos — e pretende-se que ele nunca aplaudiu Hitler!

CLAUDE SCHNERB (in «La Tribune des Nations»)

Muitos espectadores se surpreenderam com o ritmo rápido da «Balada de Berlim» que contrasta com a lentidão densa mas pesada de muitos filmes alemães. Esta impressão é reforçada aqui pelo facto de o tom geral comportar uma fluência e uma finura à qual não se estava nada habituado. Quanto ao ritmo da narração e da planificação técnica, não é, afinal, mais rápido do que o das numerosas comédias alemãs. A *fotografia*, muitas vezes notável, é devida a um dos maiores operadores alemães, G. Krause, e apoia-se numa *iluminação* muito rebuscada, que sempre caracterizou o cinema alemão (...) e que contribui para criar uma mistura de semi-realismo e de poesia irreal frequente nos alemães e em correspondência directa com o seu temperamento profundo em que a acção mais vulgar se alia a uma espécie de misticismo latente. Os *gags*, emprego malicioso de acelerados, sobre-impressões, os discursos animados dos delegados das potências ocupantes, são, por vezes, dignos de antologia. A *música*, como se podia esperar de uma revista, tem um papel considerável, ironizando com bastante graça e sublinhando os *gags*. A *interpretação* é tanto mais notável quanto é certo que uma obra deste género desliza fatalmente para a caricatura e para o exagero teatral. Ora aqui, a interpretação é propriamente cinematográfica. O papel de Otto é feito por G. Froebe com uma rara perfeição.

(in «Tele-Cine»)

Robert Adolf Stemmler é escritor, actor, realizador e argumentista. Em 1932 realizou um simpático «Sete anos num liceu». Fez algumas comédias humorísticas. É um realizador «jovem», dinâmico.

HENRI COLPI («Le Cinéma et ses Hommes»)

## NOTA À MARGEM

O herói da «Balada de Berlim» é o Klein Mann que, ao fim da primeira guerra, já Hans Fallada não sabia que direcção havia de tomar. Se formos para citações literárias, talvez alguma coisa se esclareça ao compararmos o «Kleiner Mann - was nun?» («Homenzinho, que fazere») do romance de Fallada com o «Was fahre?» («que faze») dos fontamarenses de Ignazio Silone. Enquanto esta italiana põde voltar-se para o futuro (já em 1930!), a alemã vira-se para o passado (já em 1932!). E assim faz uma «Roma, cidade aberta» e um «Não há paz entre as oliveiras» e uns «Ladrões de bicicletas», como assim faz um «Filme sem titulo» e «Balada de Berlim».

Uma «Balada de Berlim», exactamente: cheia de saudades do tempo em que não havia ódios nem disputas, e uma ordenada tranquilidade enchia os corações e alegrava o trabalho — Polizei über alles.

As desgraças do homenzinho fugindo à guerra podem divertir os corações capazes de farsa — mas a sua cara esfo-meada, como anúncio até do expressionismo estético em que o filme se envolve, não permite satisfações. Nem a sua morte. Eis então que o Klein Mann ressuscita, na sua miserável mortalha de papel plissado e, à amargura do contratempo em que bate palmas aos variados oradores políticos, às queixas da loucura dos homens, vêm juntar-se as pãzinhas de terra deitadas sobre os malévolos sentimentos, culpados de tudo.

Estamos em pleno paraíso de sentimentalismo pequeno-burguez. Num paraíso explicativo que é o mais exacrável de todos. O que era reportagem feroz acaba, nos baldões de um ritmo desorganizado, num expressionismo esquisito e idiota, supra-sumo estético para uso dos que a todo o «plongé» e a todo o berro dão crédito. Um filme optimista, em fim de contas, para conforto dos sentimentos de paz que o mundo não quer entender, assim tolinhos.

J.-A. F.

NA PRÓXIMA SESSÃO:

## ELECTRA

de EUGÈNE O'NEILL e DUDLEY NICHOLS  
com Rosalind Russell, Michael Redgrave, Katine Paxinou  
Comentado por BENOIT-LEROY  
Adido Cultural da Embaixada Americana

(Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto)

8-4-952 — 400 exemp. — Tip. Americana — Lisboa

# JARDIM UNIVERSITARIO DE BELAS ARTES

Apresenta

## FILMES QUE NÃO ESQUECEM

COMENTADOS POR ESCRITORES E CRÍTICOS DE ARTE

2

NAS

TERÇAS - FEIRAS CLÁSSICAS DO TIVOLI

DAS 18.15 ÀS 20.30